



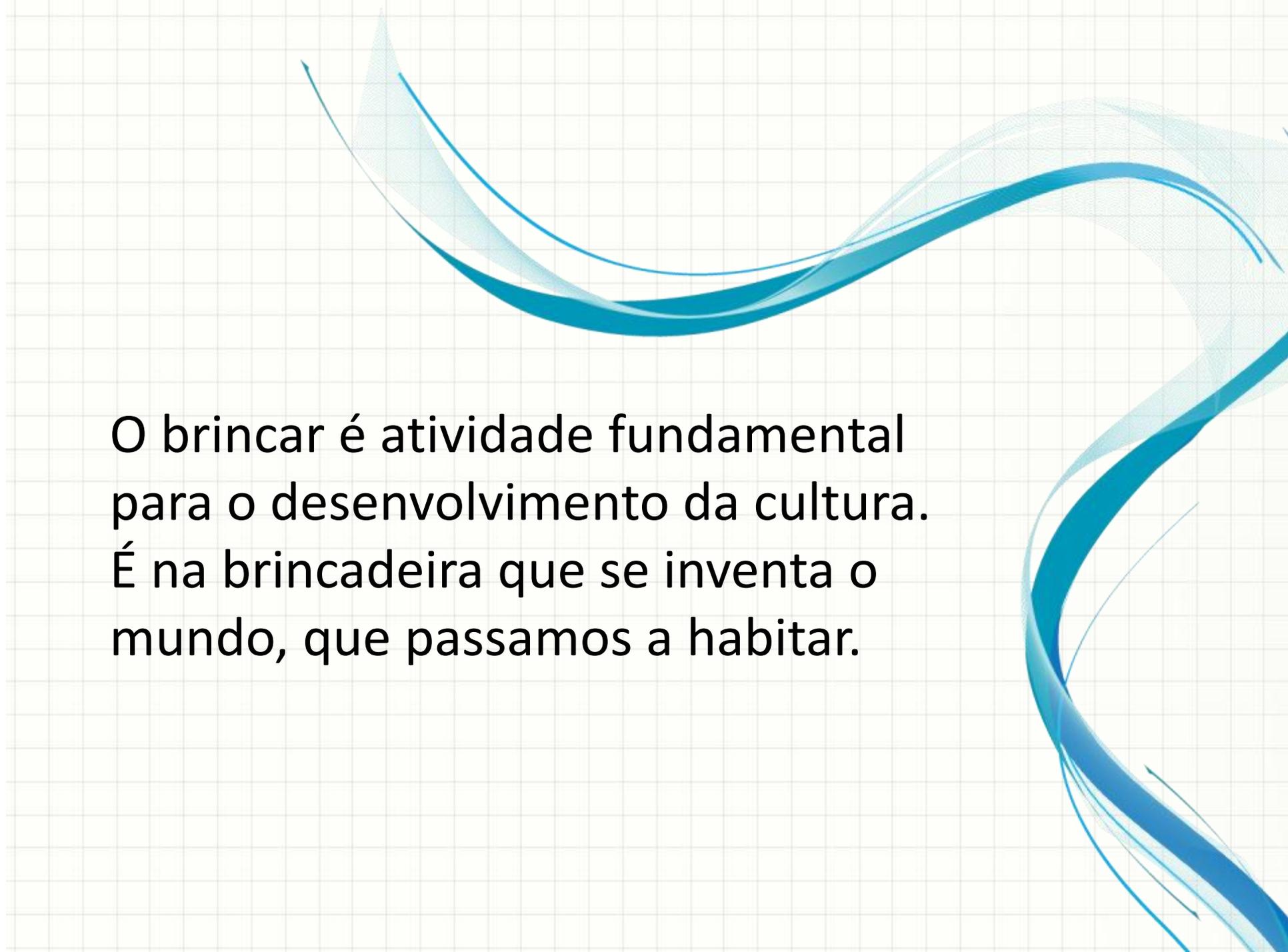
O SIGNIFICADO DO BRINCAR

Marie Claire Sekkel

2019

Três autores que enfatizam a relação do brincar com a cultura

- **Johan Huizinga** (1872-1945): historiador holandês, escreveu obra fundamental, que inaugura o pensar sobre o lúdico na cultura, que é *Homo Ludens*, de 1938. Em 1942, ao se manifestar contra o nazismo, foi preso e morreu poucas semanas antes do final da II Guerra.
- **Walter Benjamin** (1892-1940): filósofo e crítico literário alemão, cuja obra tem encontrado boa receptividade entre nós, e que se dedica especialmente a pensar o lugar da criança e da brincadeira. Também foi vítima do nazismo.
- **Donald Woods Winnicott** (1896-1971): médico pediatra e psicanalista inglês, discípulo de Melanie Klein, foi presidente da Sociedade Britânica de Psicanálise, membro da UNESCO e da OMS, dedicou-se ao estudo do brincar. *O Brincar e a Realidade* é de 1971.
- Obs: em inglês, francês e alemão se utiliza a mesma palavra para jogo e brincadeira

The background features a light gray grid pattern. Overlaid on this grid are several flowing, wavy lines in shades of blue. These lines start from the top left, curve downwards and to the right, then curve upwards and to the right, and finally curve downwards and to the right again, creating a sense of movement and flow. The lines vary in opacity, with some being solid blue and others being semi-transparent, creating a layered effect.

O brincar é atividade fundamental
para o desenvolvimento da cultura.
É na brincadeira que se inventa o
mundo, que passamos a habitar.

Huizinga

- *é no jogo e pelo jogo que a civilização surge e se desenvolve.*

“O jogo é uma função da vida, mas não é passível de definição exata em termos lógicos, biológicos ou estéticos. O conceito de jogo deve permanecer distinto de todas as outras formas de pensamento através das quais exprimimos a estrutura da vida espiritual e social. Teremos, portanto, de limitar-nos a descrever suas características.”(HUIZINGA, Homo ludens, p.10)

- **O essencial da brincadeira reside na fascinação que ela exerce, o divertimento do jogo resiste a toda análise e interpretação lógica.**

Huizinga - características da brincadeira

- **É sempre uma atividade voluntária:** e pode ser interrompido a qualquer momento, não pode ser uma tarefa, nem ser imposto. As crianças e os animais brincam porque gostam de brincar. O jogo é **livre**.
- **O jogo é diferente da vida 'real'**. A criança que brinca, sempre sabe que está brincando. O jogo não tem compromisso moral: podemos ser ladrões , bandidos, usar armas etc.
- **O jogo tem começo, meio e fim**, distingue-se da vida comum pelo lugar e duração que ocupa. O jogo acaba. E mesmo depois de acabar, permanece como criação do espírito na memória e pode tornar-se tradição → pode ser **repetido**. “Uma de suas qualidades fundamentais reside nesta capacidade de repetição (...) os elementos de repetição e alternância (como no refrão) constituem como que o fio e a tessitura do objeto”.(p.13). Há muitos jogos que são encontrados em culturas nos mais distantes pontos do planeta: amarelinha, pular corda e suas cantigas, jogos de roda, cama de gato etc.
- **O jogo cria ordem e é ordem:** introduz na confusão da vida uma perfeição temporária. O jogo tem regras, sempre. E há sempre no jogo 'algo em jogo', que é o elemento de tensão, incerteza, acaso. O jogador procura conseguir alguma coisa e aliviar uma tensão. Em geral, quanto mais competitivo, mais apaixonante, mas a competição termina quando termina o jogo.

“Numa tentativa de resumir as características formais do jogo, poderíamos considera-lo uma atividade livre, conscientemente tomada como ‘não-séria’ e exterior à vida habitual, mas ao mesmo tempo capaz de absorver o jogador de maneira intensa e total. É uma atividade desligada de todo e qualquer interesse material, com a qual não se pode obter qualquer lucro, praticada dentro de limites espaciais e temporais próprios, segundo uma certa ordem e certas regras.” (HUIZINGA, HOMO LUDENS, p.16)

Benjamin

- o brinquedo é criado na brincadeira e é inseparável de sua relação com a cultura.

*“A criança quer puxar alguma coisa e torna-se cavalo, quer brincar com areia e torna-se padeiro, quer esconder-se e torna-se bandido ou polícia. Conhecemos bem alguns **instrumentos de brincar** arcaicos, que desprezam toda máscara imaginária (possivelmente vinculados na época a rituais): bola, arco, peteca, pipa – autênticos brinquedos, tanto mais autênticos, quanto menos o parecem ao adulto. Pois quanto mais atraentes, no sentido corrente, são os brinquedos, mais se distanciam dos instrumentos de brincar; quanto mais ilimitadamente a imitação se manifesta neles, tanto mais se desviam da brincadeira viva. (...) A imitação – assim se poderia formular – é familiar à brincadeira e não ao brinquedo.”* (Texto História Cultural do Brinquedo, de 1928)

Benjamin

- Para Benjamin, a grande lei que rege o mundo das brincadeiras é a **lei da repetição**.

“Sabemos que para a criança ela é a alma do jogo; que nada a torna mais feliz do que o ‘mais uma vez’. (...) toda e qualquer experiência mais profunda deseja insaciavelmente, até o final de todas as coisas, repetição e retorno, restabelecimento da situação primordial da qual ela tomou o impulso inicial.” (Benjamin, 2002, p.101)

Winnicott

- a brincadeira nasce dos *'fenômenos transicionais'* e o seu lugar é o *espaço potencial* entre o bebê e a mãe, entre o mundo interno e a realidade externa.
- Winnicott criou o conceito da **mãe suficientemente boa**:
“A mãe suficientemente boa começa com uma adaptação quase completa às necessidades de seu bebê, e, à medida que o tempo passa, adapta-se cada vez menos completamente, de modo gradativo, segundo a crescente capacidade do bebê em lidar com o fracasso dela.” (p.25)
- a frustração leva ao reconhecimento da separação entre mãe e bebê;

Winnicott

- O bebê tem necessidade de tentar controlar aquilo que começa a perceber como objeto externo. “Para controlar o que está fora, há que fazer coisas, não simplesmente pensar ou desejar, e *fazer coisas toma tempo*. Brincar é fazer.” (p.63)
- Sobre a participação dos adultos nas brincadeiras das crianças:

“Pessoas responsáveis devem estar disponíveis quando crianças brincam, mas isso não significa que precisem ingressar no brincar das crianças. Quando o organizador tem de se envolver, numa posição de administrador, ocorre então a implicação de que a criança ou crianças são incapazes de brincar no sentido criativo que pretendo expressar nessa comunicação”. (p.75)

Winnicott

- “Há uma evolução direta dos fenômenos transicionais para o brincar, do brincar para o brincar compartilhado, e deste para as experiências culturais.” (p.76)

“é a brincadeira que é universal e que é própria da saúde: o brincar facilita o crescimento e, portanto, a saúde; o brincar conduz aos relacionamentos grupais; o brincar pode ser uma forma de comunicação na psicoterapia; finalmente, a psicanálise foi desenvolvida como forma altamente especializada do brincar, a serviço da comunicação consigo mesmo e com os outros”(Winnicott, 1975, p.63)

Bibliografia

- Benjamin, W. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. Trad. e apresentação de Marcus Vinícios Mazzari. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2002.
- Huizinga, J. *Homo Ludens*. Trad. João Paulo Monteiro. 4 ed. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1999.
- Winnicott, D. W. *O brincar & a realidade*. Trad. José Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1975.

Benjamin

Meditar com pedantismo sobre a produção de objetos – material ilustrado, brinquedos ou livros – que devem servir às crianças, é insensato. Desde o Iluminismo isto é uma das mais rançosas especulações dos pedagogos. A sua fixação pela psicologia impede-os de perceber que a Terra está repleta dos mais incomparáveis objetos da atenção e da ação das crianças. Objetos dos mais específicos. É que crianças são especialmente inclinadas a buscarem todo local de trabalho onde a atuação sobre as coisas se processa de maneira visível. Sentem-se irresistivelmente atraídas pelos detritos que se originam da construção, do trabalho no jardim ou em casa, da atividade do alfaiate ou do marceneiro. Nesses produtos residuais elas reconhecem o rosto que o mundo das coisas volta exatamente para elas, e somente para elas. Neles, estão menos empenhadas em reproduzir as obras dos adultos do que em estabelecer entre os mais diferentes materiais, através daquilo que criam em suas brincadeiras, uma relação nova e incoerente. Com isso as crianças formam o seu próprio mundo de coisas, um pequeno mundo inserido no grande. Dever-se-ia ter sempre em vista as normas desse pequeno mundo quando se deseja criar premeditadamente para crianças, e não se prefere deixar que a própria atividade – com tudo aquilo que é nela requisito e instrumento – encontre por si mesma o caminho até elas.

- BENJAMIN, Canteiro de Obras, p.103